

# A Assembléia de Mainz (1184): o fato e sua repercussão nos romances cavaleirescos germânicos

VINICIUS CESAR DREGER DE ARAUJO  
Centro Universitário Anhanguera – Unidade Santo André  
Brasil

## I. A ASSEMBLÉIA DE MAINZ, 1184

A assembléia de Mainz de 1184 foi um evento grandioso, o encontro da elite nobiliárquica acompanhado do maior festival cortesão visto na Germânia imperial medieval. Esta festa foi celebrada em textos dos mais diversos tipos: crônicas, anais, canções, romances épicos e cavaleirescos, sendo que nenhum outro festival desta natureza recebeu tanta atenção dos autores. Isto nos permite reconstituir com razoável precisão as circunstâncias externas e o desenrolar de seu programa festivo.

Em primeiro lugar, devido ao grande número de convidados e suas delegações, o imperador ordenou que fosse erigido nos campos da margem oposta do Reno, defronte à cidade de Mainz (especificamente na localidade conhecida como Erbfordie), um palácio de madeira para alojar os membros da comitiva imperial, uma grande capela, casas para os grandes príncipes (dispostas em círculo) e vários edifícios específicos para armazenagem de víveres e preparação dos alimentos. Os potentados menores ergueram nas proximidades inúmeras tendas e pavilhões, formando assim verdadeira cidade festival para celebrar a elevação à Cavalaria dos príncipes Henrique (desde a infância Rei dos Romanos) e Frederico (Duque da Suábia), que contavam com dezoito e dezesseis anos de idade, respectivamente.

Conforme o cronista Gislebert de Mons:

Quando príncipes, arcebispos, bispos, abades, duques, margraves, condes palatinos, outros condes, nobres e ministeriais de todo o Império neste lado dos Alpes haviam se reunido nesta corte, seu número se aproximava de 70 mil, excetuando-se clérigos e homens de status inferior<sup>1</sup>.

As festas das cortes obedeciam, geralmente, ao calendário litúrgico, sendo que a reunião mais importante tradicionalmente se dava no Pentecostes, a festa do Espírito Santo, momento particularmente adequado para as grandes assembléias principescas, já que as condições climáticas desta época do ano (maio-junho, ou seja, fins da primavera) facilitavam tanto as viagens quanto o alojamento dos convidados em tendas, além de ser um dos três grandes festivais em que o imperador portava o diadema imperial (sendo os outros Páscoa e Natal). Ou seja, momentos em que o imperador era novamente coroado perante

---

1 Gislebert de Mons, *Chronicle of Hainaut*, Woodbridge, p.87.

os súditos e os atos dos soberanos, ocorridos nestas ocasiões, recebiam uma aura de graça divina através das cerimônias religiosas que acompanhavam estes dias santificados.

Portanto, a partir do Domingo de Pentecostes (20 de maio), o imperador entreteve seus convidados por três dias, sendo que as festividades foram iniciadas no mesmo dia com uma missa solene na qual ocorreu uma coroação cerimonial do Imperador, da Imperatriz e do jovem Rei dos Romanos (Henrique VI), seguida de uma procissão, liderada pelos monarcas coroados, até os aposentos da corte onde houve um banquete “suntuosamente preparado com pratos exóticos”<sup>2</sup>, no qual o imperador foi servido pelos principais príncipes germânicos. A magnificência dos alimentos e bebidas foi tal, segundo Arnold von Lübeck<sup>3</sup>, que teria sido “igual ao banquete de Assuero”<sup>4</sup>. Subsequentemente, o dia foi concluído com jogos e entretenimentos variados.

A segunda-feira (21 de maio) foi iniciada com mais uma missa solene; porém, desta feita, foi seguida pelo evento principal que motivou o festival, o “adubamento” cavaleiresco dos filhos do imperador, realizado pelos ministeriais Markward von Annweiler e Heinrich von Kalden, ambos marechais imperiais. Devemos recordar que o “adubamento” era uma das principais cerimônias da cavalaria, sendo uma ocasião de aspecto suntuoso que “seduz e lisonjeia a aristocracia”<sup>5</sup>, cujos custos, desde o século XII, constituía uma das quatro ocasiões em que os vassallos deviam assistência financeira a seu senhor (sendo as outras seu resgate em caso de aprisionamento, sua partida para a Cruzada e o casamento de sua filha mais velha)<sup>6</sup>.

Após os jovens senhores terem sido admitidos à cavalaria, houve a já tradicional distribuição, pelos novos cavaleiros, de presentes aos necessitados (cavaleiros aprisionados que não podiam pagar por seus resgates e cruzados) e aos artistas e jograis, sendo que nestes gestos de *largesse* foram seguidos pelos príncipes convidados que distribuíram “cavalos, roupas finas, ouro e prata”, segundo Gislebert, e o fizeram “não apenas pela honra de seus senhores, o imperador e seus filhos, mas também para espalhar a fama de seus próprios nomes”<sup>7</sup>. A seguir, Henrique VI e o duque Frederico lideraram os cavaleiros presentes em um gigantesco torneio de habilidades equestres, onde eles demonstraram suas proezas nas manobras, ataques simulados e fintas, sem portarem as armas com agressão. Este *gyrus* contou até mesmo com a presença do encanecido, mas ainda vigoroso, imperador Frederico. Segundo Gislebert, este exercício teria contado com o inflado número de nada menos que vinte mil cavaleiros.

Na terça-feira (22 de maio), após a missa solene, ocorreram novos torneios, mas a atmosfera alegre foi toldada por um incidente: em um momento indeterminado do dia (mas provavelmente à tarde, já que a missa matinal havia ocorrido e os cavaleiros dedicavam-se aos jogos guerreiros), uma repentina tempestade derrubou tanto a igreja de madeira quanto várias outras edificações próximas ao palácio imperial, causando a morte de ao menos catorze pessoas. Neste ponto os cronistas se dividem: enquanto alguns, como o anônimo autor da *Chronica S. Petri* de Erfurt, tinham atribuído o desastre a “um infeliz acidente”<sup>8</sup>, outros, menos afinados com a corte imperial e os hábitos cavaleirescos, viram nisso o sinal de um “juízo divino”<sup>9</sup>, provocado pelas “crianças deste mundo que estavam abusando de sua sabedoria e de suas vidas, o que é tolice perante Deus”<sup>10</sup>.

2 Otto von Sankt Blasien, *Chronica*, MGH SS *Rerum Germanicarum* 47, 1912, p. 210.

3 Arnold von Lübeck, *Chronica Slavorum*, MGH *Scriptores* 21, 1869, p.153.

4 Rei persa do livro de Ester, identificado tradicionalmente como Xerxes I; seu banquete encontra-se descrito em Est 1: 1-8.

5 Jacques Le Goff & Jean-Claude Schmitt (org.), *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, São Paulo/Bauru, IMESP/EDUSC, 2002, vol.I, p. 194.

6 *Idem*.

7 Ambas as citações em Gislebert de Mons, *op. cit.*, p.87.

8 *CHRONICA S. Petri Erfordensis Moderna*, MGH SS *Rerum Germanicarum* 42, 1899, p.364.

9 *CHRONICA regia Coloniensis*, MGH SS *Rerum Germanicarum* 18, 1880, p.133.

10 Otto von Sankt Blasien, *Chronica*, MGH SS *Rerum Germanicarum* 47, 1912, p. 238.

Outro registro foi ainda mais incisivo em sua opinião a respeito do acontecido:

Então, entrou em colapso a casa real onde estavam reunidos em Erbfordie, e uma grande multidão de condes e homens livres e homens de diferentes gradações caíram com ela e afundaram miseravelmente no esgoto que abaixo havia. Alguns destes foram resgatados com dificuldade do rio Gera, que corria pelas latrinas. Outros, descobertos em meio ao esgoto, estavam quase irreconhecíveis.<sup>11</sup>

Devido a este incidente aziago, a assembléia desfez-se e as comitivas passaram a retornar às suas regiões; provavelmente foi também a causa do cancelamento do torneio organizado pelos príncipes, o qual deveria acontecer dentro de algumas semanas em Ingelheim.

<b>Domingo de Pentecostes 20/05/1184</b>	<b>Segunda-feira 21/05/1184</b>	<b>Terça-feira 22/05/1184</b>
– Missa solene e coroação cerimonial do casal imperial e de Henrique VI. – Procissão liderada pelos três monarcas.	– Missa solene. “Adubamento” cavaleiresco dos filhos do imperador realizado pelos ministeriais Markward von Annweiler e Heinrich von Kalden.	– Missa solene. – Novos torneios.
– Banquete no qual os príncipes atuaram como mordomos, camareiros, marechais e copeiros para o imperador.	– Concessão de dons e presentes pelos novos cavaleiros, pelo imperador e pelos príncipes convidados.	– Tempestade repentina culmina no desabamento da igreja de madeira e de outros edifícios, resultando na morte de 15 pessoas.
– Jogos e entretenimentos	– Grande torneio, com, reputadamente, 20 mil cavaleiros.	– Momentos indeterminados na festa: negociações políticas.

Figura 1: Quadro sinótico dos acontecimentos 20-22 de Maio de 1184

## 2. O ADUBAMENTO E O PENTECOSTES

Os monarcas, assim como a sociedade medieval, seguiam o calendário litúrgico para a organização de suas atividades. Assim, costumavam reunir suas cortes e manter sessões solenes nas grandes datas festivas cristãs: Natal, Páscoa e Pentecostes. Este último é comemorado no sétimo domingo após a Páscoa, um dia festivo que compreende várias camadas de significados: tanto a celebração da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, quanto a memória de celebrações de cunho pagão acerca do início da Primavera e seus rituais de renovação da fertilidade. Mas também era um momento adequado para a convocação dos príncipes eclesiásticos e leigos e seus cavaleiros e decidir o planejamento das próximas campanhas militares, além de ser praticamente a última chance de solucionar disputas entre os nobres antes que estas se transformassem em guerras particulares, tão danosas ao cotidiano de cidadãos e, principalmente, camponeses. Normalmente, após o Pentecostes, tinha início a temporada de torneios e campanhas militares.

Era no Pentecostes que a cerimônia de adubamento dos novos cavaleiros ocorria, na esperança de que o Espírito Santo pudesse descer sobre os novos cavaleiros e os guiar em suas jornadas e aventuras

<sup>11</sup> *Annales Austriae Continuatio Zwetlensis Altera, Chronica Regia Coloniensis*, MGH SS *Rerum Germanicarum* 09, 1875, p. 242.

a serviço de seus senhores e de Deus. O adubamento no Pentecostes era, de acordo com Georges Duby, o primeiro passo na educação dos cavaleiros, o início de “uma longa peregrinação iniciática”<sup>12</sup>:

Em fins do século XII, não esqueçam, tal cerimônia não era individual. Tratava-se de uma solenidade do poder, pública e coletiva. O príncipe é o seu ordenador. Mostra a sua prodigalidade. Ao mesmo tempo que arma seu filho como cavaleiro (...) arma também os commilitones deste; camaradas da mesma idade que com ele aprenderam a lide das armas e o irão seguir.

O novo cavaleiro desfila aos olhos da corte. À frente de um enxame de guerreiros novatos, ele é o príncipe da juventude, da geração que se prepara para tornar-se independente. Neste dia de Primavera e Graça, os jovens são verdadeiramente “escolhidos”, inscritos conjuntamente na ordo. Os dons que lhes vem do sangue, da gentileza, confirmam-se pela consagração. E as virtudes de que prometem dar exemplo, unem mais estreitamente tudo o que, posto no mundo real pela “cavalaria do país”, chega agora à maturidade viril, todo um recrutamento em torno do homem que logo se tornará, por sua vez, o príncipe e deles receberá a homenagem e esperará por seus serviços, mas que nesse mesmo dia também, instituído por idêntico ritual, não quer aparecer sozinho, mas sim como o primeiro entre seus pares.

Desta forma se ata e desata, de Pentecostes em Pentecostes, a solidariedade que o príncipe alardeia ante os cavaleiros. (...) a cerimônia de armar os cavaleiros aproxima o príncipe e a militia. (...) em fins do século XII, a cavalaria e a monarquia tornaram-se indissolúvelmente ligadas e todos os membros da aristocracia laica comungavam no respeito de um mesmo sistema de valores, numa mesma concepção do mérito e no cumprimento de um ofício conjuntamente assumido pelo primeiro dos cavaleiros, que dirige, até o último, que serve<sup>13</sup>.

Logo, podemos concluir que o Pentecostes, além de festa cristã, passou também a ser uma festa leiga, ligada ao poder dos monarcas e à Cavalaria. Aliás, segundo Jean Flori, em fins do século XII “a investidura permanece ainda essencialmente leiga e pouco carregada de elementos éticos”<sup>14</sup>. Porém, com o transcorrer do século XIII, a cerimônia paulatinamente foi adquirindo um caráter eclesiástico cada vez mais pronunciado, chegando ao detalhismo simbólico descrito por Ramon Llull em seu *Livro da Ordem da Cavalaria*, com o banho, a vigília, a bênção e o significado das armas, a acolada e os votos.

### 3. REPERCUSSÕES LITERÁRIAS

A primeira repercussão encontra-se no *Eneasroman* de Heinrich von Veldeke, poeta, provavelmente ministerial, originário dos Países Baixos, considerado como pioneiro da literatura cortesã na Alemanha imperial pelos próprios poetas que o sucederam, como Gottfried von Strassburg e Wolfram von Eschenbach<sup>15</sup>. Ele compôs a maior parte do *Eneasroman* por volta de 1175 na corte dos condes de Cleves e concluiu a obra nove anos depois, quando convidado à corte dos landgraves da Turíngia e, como parte de sua comitiva, participou da assembléia de Mainz.

Em linhas gerais, o *Eneasroman* principia com um breve relato da queda de Tróia, seguido pela fuga de Enéas e suas aventuras até aportar em Cartago, onde se relaciona com a rainha Dido, que morre após a partida do herói. Este, por sua vez, desce ao mundo inferior, onde conversa com seu pai, Anquises, que lhe revela a profecia sobre sua descendência e a fundação de Roma. Logo após, Enéas desembarca na Itália, onde o rei Latinus lhe concede sua filha Lavínia. Porém, o pretendente rejeitado, Turnus, con-

12 Georges Duby, *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*, Lisboa, Estampa, 1982, p. 333.

13 *Idem*, p. 327-28.

14 Jean Flori, *A Cavalaria*, São Paulo, Madras, 2005, p. 43.

15 Marion E. Gibbs & Sidney M. Johnson (ed.), *Medieval German Literature*, Londres, Routledge, 1997, p. 122.

tando com o apoio da mãe de Lavínia, guerreira contra Enéas e, após diversos combates, Turnus perece em duelo contra Enéas e a mãe de Lavínia falece em um ataque de raiva, abrindo assim o caminho para a celebração da boda de Enéas e Lavínia em uma grande festa:

Nunca ouvi a respeito de uma celebração em qualquer lugar que fosse tão grandiosa quanto a do casamento de Enéas e Lavínia, com a exceção daquela de Mainz, que eu mesmo vi.

Esta festa, quando o imperador Frederico elevou a cavaleiros seus dois filhos, foi de fato imensamente grande, com bens valendo muitos milhares de marcos sendo consumidos e doados. Não creio que qualquer um agora vivo tenha visto festa tão grande. O que o futuro nos dirá, não sei. Em verdade nunca ouvi sobre uma cerimônia de adubamento na qual tantos príncipes e pessoas de todos os tipos tenham sido reunidos. Muitos ainda vivos conhecem a verdade disto.

O imperador Frederico conquistou tal renome que se poderia continuar falando coisas maravilhosas a seu respeito até o Dia do Juízo, sem mentir. Daqui a mais de cem anos as pessoas ainda estarão escrevendo e falando sobre ela<sup>16</sup>.

Além do próprio Heinrich von Veldeke, outros autores estiveram presentes aos festejos moguntinos, já que os convidados provinham de todas as regiões da Germânia imperial, Itália e Borgonha assim como jograis, cantores, atores e poetas como Guiot de Provins, que menciona especificamente o imperador como seu protetor e foi seguramente a imperatriz Beatriz, princesa borgonhesa, que chamou à assembléia o poeta francês.

Mar lor membre du Roi Artu  
D'Alixandre et de Juliu,  
Et des autres Princes vaillanz  
Qiu jà tindrent les corz si granz.  
Quel cort tint ore Asuérus!  
Ele delra cent jorz et plus;  
Et de l'Emperór Ferri  
Vos puis bien dire que je vi  
Qu'il tint une Cort à Maience;  
Ice vos di-je sanz doutance,  
C'onques as pareille ne fu<sup>17</sup>.

Beatriz da Borgonha foi criada na corte de seu pai, o Conde Guilherme de Mâcon, senhor de uma corte cosmopolita e principal líder da oposição ao domínio efetivo dos germânicos sobre o reino conjunto de Arles e Provença. Ali prosperava a propagação das formas culturais e poéticas provençais, em especial o amor cortês.

A imperatriz Beatriz foi um agente central na cristalização da cultura cortês na Germânia. Após sua coroação em Roma (1167), Gautier d'Arras dedicou-lhe o romance em versos *Ille et Galeran*. Gautier alegava haver conhecido Beatriz apenas após sua coroação, assim ele encontrou a respeito de sua desvantagem em relação a outros

16 Heinrich von Veldeke, *Eneasroman*, CD-ROM, Wiesbaden, Staatsbibliothek zu Berlin/Deutsches Historisches Museum/Reichert Verlag, 2003, vv: 13222-13252.

17 Guiot de Provins, *Guiot de Provins, seine Gonen, Die Suite de La Bible und seine Lyrische Dictungen*, Arthur Baudler Verlag, 1902, vv. 272-81.

poetas que eram próximos à imperatriz e que lhe haviam precedido com suas obras. Já o jurista Acerbo Morena afirmou explicitamente que Beatriz era **litterata** e lhe exaltou tanto a cultura quanto a beleza e a elegância<sup>18</sup>.

O exemplo dos trovadores provençais, trazidos a Mainz pela imperatriz, estimulou a composição de canções líricas no vernáculo germânico na segunda metade da década de 1180, por um grupo de nobres e ministeriais cujo membro mais prestigioso foi ninguém menos do que o próprio Henrique VI.

Outra testemunha reputadamente ocular foi Günther de Pairis, considerado como autor do poema épico *Ligurinus*, a respeito das campanhas de Frederico Barbarossa na Lombardia.

(...) cum de toto orbe vocatus  
Quanta nec ante fuit nec creditur esse futura  
Magontina suos aspexit curia patres<sup>19</sup>.

Além dos testemunhos dos participantes, a memória das festividades foi transmitida pelo século XIII tal como se esta tivesse se transformado em um *topos* literário, no paradigma de festejos cortesãos e cavaleirescos. Podemos identificar ecos próximos da assembléia de Mainz na *Nibelungenlied*, em sua versão consolidada, por volta de 1200, ao menos, em dois momentos:

#### a) O adubamento cavaleiresco de Siegfried.

Seu pai, Siegmund, mandou avisar aos súditos que pretendia celebrar uma festa na companhia de seus caros amigos, e essa notícia foi enviada a outros reinos. O rei presenteou nativos e estrangeiros com cavalos e vestes. Onde quer que se encontrassem jovens que por sua ascendência deveriam se tornar cavaleiros, estes eram convidados às terras do rei para participar das festividades. Junto com o jovem rei eles receberiam mais tarde suas espadas.

Desta festa poder-se-iam contar maravilhas. Siegmund e Sieglind sabiam como conquistar estima com os ricos presentes que distribuíram, e muitos estrangeiros vieram até suas terras.

Em um solstício de verão, quando seu filho seria sagrado cavaleiro, o rei mandou preparar assentos para muitos homens valentes. Vários nobres escudeiros e cavaleiros de alta posição dirigiram-se à catedral e os mais velhos e sábios serviram aos jovens como lhes fora feito quando haviam sido nomeados cavaleiros. (...) Cantaram uma missa em louvor a Deus, e muitos acorreram ao lugar onde os jovens seriam sagrados cavaleiros com toda a pompa, segundo o ritual.

Correram até o pátio de Siegmund, onde já estavam selados muitos cavalos e os guerreiros foram com tal ímpeto ao buhurt (torneio) que o fragor ressoou pelo castelo e pelo salão. Ouviam-se os golpes dos mais velhos e dos jovens e o ruído das lanças ao serem partidas, e por todo o castelo voavam lascas, arrancadas pelos golpes de muitos guerreiros, tamanho o seu entusiasmo.

(...) Os hóspedes do rei sentaram-se nos lugares indicados e refizeram-se da fadiga com muitas finas iguarias e os melhores vinhos, servidos generosamente, honras feitas a amigos e estrangeiros. Embora tivessem se divertido durante todo o dia, havia muitos saltimbancos, que ávidos pelas ricas recompensas, nem pensavam em descansar e fizeram muitos elogios às terras de Siegmund.

O rei ordenou que Siegfried distribuisse terras e burgos, como ele mesmo fizera quando fora sagrado cavaleiro. Siegfried foi generoso com seus companheiros de espada e eles se alegraram por sua viagem àquelas terras.

18 Ernst Wies, *Federico Barbarossa – Mito e Realtà*, p.259.

19 Günther von Pairisis, *Ligurinus*, MGH SS *Rerum Germanicarum* 63, 1987, vv. 353-55.

As festas duraram até o sétimo dia. A poderosa rainha Sieglind distribuiu ouro rubro por amor a seu filho, segundo antigo costume; sabia como torná-lo estimado pelas pessoas. Nenhum dos saltimbancos continuou pobre; os reis ofereciam em profusão vestes e montarias como se não tivessem mais um dia para viver<sup>20</sup>.

#### b) O festival de Pentecostes promovido pelo rei Günther:

Todos os dias viam-se chegar ao Reno os que gostariam de participar das festividades, e muitos dos que vinham à terra dos Burgúndios por amor ao rei, foram presenteados com montarias e esplêndidas vestes. Para as festas já haviam sido preparados assentos para os mais nobres e distintos – segundo nos foi dito, para trinta e dois príncipes. Na manhã do Pentecostes foram vistos muitos cavaleiros em esplêndidas vestes que vinham às festas; eram cinco mil ou mais. Os divertimentos começaram em vários lugares e todos se esforçavam para superar seus companheiros.<sup>21</sup>

Durante as festividades o rei ordenou que fossem servidas a todos as mais finas iguarias, evitando assim qualquer censura que um rei pudesse receber. Ele foi até seus hóspedes e disse amigavelmente: “Bravos guerreiros, antes de vossa partida deveis aceitar meus presentes. Sempre vos serei grato se não os recusardes. Terei grande prazer em dividir minhas riquezas convosco!”<sup>22</sup>

Estas são algumas das repercussões causadas pela assembléia de Mainz na literatura germânica cavaleiresca de fins do século XII e inícios do século XIII, mas de forma alguma se trata de uma cobertura profunda do assunto, sendo que o período entre 1180 e 1300 encerra a maior parte da produção literária cavaleiresco-cortês na Germânia imperial, possibilitando assim a ampliação das pesquisas aqui iniciadas.

#### 4. SIGNIFICADOS DA ASSEMBLÉIA DE MAINZ, 1184

Sob o vivaz colorido das festividades moguntinas jaziam outros significados de considerável importância, sendo que os fatores materiais muito indicavam a respeito das capacidades da monarquia imperial: dezenas de milhares de convidados foram alojados e alimentados – um espantoso feito de organização e logística – e a parada dos cavaleiros germânicos era uma ameaçadora demonstração de poder militar. Mas, como dito, outros significados persistiam: nesta assembléia o imperador oficializou sua sucessão e iniciou negociações para o casamento de seu herdeiro Henrique VI com a princesa siciliana Constança d’Altavilla, além de encaminhar as negociações de outras pendências, como a herança do condado de Namur, as disputas com o Arcebispo Felipe de Colônia e a tentativa de Henrique o Leão de retornar de seu exílio. Ela também permitiu que Frederico I fosse apreciado em todo o seu fausto, cercado por todos os seus vassalos, transmitindo a estes e à Europa uma imagem de solidez, poder e autoridade incontestáveis.

De fato, o comparecimento de tantos príncipes de primeira ordem às festividades mostra o imperador no topo da organização hierárquica e militar da nobreza, que estava em pleno processo de consolidação, o chamado *Heerschildsordnung*. Os convidados eram politicamente dependentes do anfitrião; assim, o convite para festividade era uma ordem e o comparecimento, um dever vassálico. Se a festa era um meio pelo qual o monarca podia unir a si, com mais firmeza, a nobreza de seu reino, para os nobres era uma honra serem convocados à corte e ter contatos mais estreitos com o soberano.

20 Anônimo, *A Canção dos Nibelungos*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 16.

21 *Idem*, p. 49.

22 *Ibidem*, p. 53.

Na Germânia de fins do século XII, a lírica cortês, desde suas primeiras manifestações (por volta de 1170), tiveram como uma de suas funções centrais a demonstração do poder régio e aristocrático, seu prestígio e aspirações culturais, criando e propagando um sistema simbólico de moral e valores estéticos cortesões, por meio dos quais a nobreza desenvolveu identidade e solidariedade grupais que demarcaram suas fronteiras sociais.

Na assembléia de Mainz, o imperador e seus filhos se apresentaram ao mundo como os primeiros cavaleiros do Império. O fascínio da idéia cavaleiresca uniu ao imperador, em um único laço, o rei, os duques, os condes e os ministeriais.

Cabe aqui uma digressão a respeito dos ministeriais<sup>23</sup>. Trata-se de uma categoria social única, desenvolvida na Germânia. Embora suas origens ainda sejam consideradas algo nebulosas, seu *status* e desenvolvimento a partir do século XI encontram-se consideravelmente bem documentados: são cavaleiros, porém servos, cujos serviços devidos a seus senhores são militares e administrativos. Embora, como outros servos, não possuíssem liberdade e pudessem ser concedidos a outros senhores, os ministeriais recebiam treino militar (compunham a maior parte da força militar disponível na Germânia dos séculos XII e XIII) e recebiam tanto alódios quanto feudos, dos quais obtinham seu sustento da mesma maneira que os vassallos convencionais.

Os reinados dos imperadores Sálios (1024-1125) e Hohenstaufen (1138-1254) marcam o processo de ascensão dos ministeriais, já que estes imperadores os empregaram não apenas como força militar, mas cada vez mais como administradores do fisco régio, procedimento copiado por outros príncipes. Esta convergência cada vez maior entre a nobreza germânica e os ministeriais refletiu-se tanto em casamentos entre as duas camadas, quanto em laços de confiança cada vez mais sólidos, como os do imperador com o já mencionado Markward von Annweiler que, além de padrinho de Henrique VI na Cavalaria, foi homem de confiança dos dois soberanos, a ponto de ser elevado por Henrique a duque de Ravena e da Romagna e, antes do falecimento do monarca em 1197, a regente da Sicília e guardião do jovem Frederico II. No século XIV os ministeriais já estavam plenamente integrados à nobreza germânica.

Embora não se tenha registro do número total dos participantes das festividades em Mainz, as fontes afirmam que vieram cavaleiros da França, da Borgonha, da Itália, da Ilíria, e mesmo da Ibéria e da Inglaterra, além dos germânicos para participar da grande festa que celebrou a simbiose entre o Império e a Cavalaria. Com esta comemoração, a Germânia imperial estava visivelmente na senda da cultura cavaleiresca que surgiu e se desenvolvia na França:

Antes da grande assembléia moguntina, em ocasiões análogas, as fontes mencionavam apenas os príncipes que acompanhavam o rei ou o imperador. A partir de então, ao invés, os cavaleiros passam a ser mencionados em primeiro lugar. De fato, duques, margraves, landgraves, condes e outros membros titulados da nobreza são mencionados nas fontes como **miles**, cavaleiros<sup>24</sup>.

Em suma, a partir de Mainz, imperador, rei, nobreza laica e ministeriais foram unidos pelo vínculo comum do ideal cavaleiresco. A jornada de Mainz foi a constituinte da sociedade cortês-cavaleiresca na corte dos Hohenstaufen; a cavalaria se tornou o estilo de vida da nobreza, mas nenhum nobre, nem mesmo o mais poderoso, era cavaleiro *a priori*; o *status* de cavaleiro deveria ser conquistado, era uma condição a qual só se alcançava ao cabo de uma educação, de uma iniciação, como magistralmente demonstrado na jornada de Parzival no romance de Wolfram von Eschenbach.

23 As principais obras a respeito do tema ainda são: Karl Bosl, *Die Reichsministerialität der Salier und Stauffer*, 2 vols. Stuttgart, Hiersmann, 1950-51, 2 vol., e Benjamin Arnold, *German Knighthood 1050-1300*, Oxford, OUP, 1985.

24 Ernst Wies, *Federico Barbarossa – Mito e Realtà*, op. cit., p.258.

Um poderoso exemplo desta incorporação do *ethos* e da cultura cavaleirescos pela corte dos Hohenstaufen pode ser encontrado, como já citado, no próprio Henrique VI, a quem se reputa a autoria das três canções iniciais da principal antologia da lírica trovadoresca medieval produzida em terras germânicas, o *Codex Manesse*, compilado por volta de 1340. Que o rei e futuro imperador tenha legitimado a lírica secular é uma marca do reconhecimento que a corte imperial concedeu à nova literatura cortesã em seu estágio inicial. Karl Bertau chegou mesmo a especular que Henrique tenha tido suas canções interpretadas perante os príncipes imperiais reunidos em Mainz<sup>25</sup>.

Sem dúvida, a assembléia de Mainz no Pentecostes de 1184 foi o marco de uma nova grande época cultural: a da integração da Germânia imperial à nova cultura cortesã e à literatura cavaleiresca. Cronologicamente à volta deste evento, encontramos o primeiro grande florescimento da *Minnesang*, com Ulrich von Gutenberg, Bligger von Steinach, Bernger von Horheim e Friedrich von Hausen, por exemplo, sendo que este último, contemporâneo de Heinrich von Veldeke e cavaleiro da comitiva imperial (veio a falecer durante a expedição do imperador Frederico na Terceira Cruzada, em 1190), certamente esteve presente ao festejo no Pentecostes de 1184, assim como, possivelmente, vários dos outros. Também podemos constatar o florescimento dos romances cortesãos, com Hartmann von Aue, Gottfried von Strassburg, Reinmar von Hagenau, Walther von der Vogelweide e Wolfram von Eschenbach (sendo que estes, mais jovens, podem ter comparecido como escudeiros).

A assembléia de 1184 tornou-se inesquecível a autores posteriores, provavelmente devido a um fator importante: as condições internas do Império não mais foram favoráveis à realização de eventos desta espécie nesta escala, a reunião pacífica da nobreza germânica<sup>26</sup>. Não existiram oportunidades como esta no reinado de Henrique VI (1190-1197) e, após a dupla eleição de 1198 (Felipe da Suábia e Otto de Brunswick), as festas de corte dos reis rivais eram atendidas somente por seus partidários. Apenas em 1235 houve uma festa cuja escala lembrava o Pentecostes de 1184 em Mainz: a boda do imperador Frederico II com Isabelle da Inglaterra, também em Mainz, à qual compareceram “quatro reis, onze duques e trinta condes e margraves, sem contar os prelados”<sup>27</sup>. Mas esta festa não capturou as imaginações dos coevos como o adubamento de 1184 havia feito.

Finalizando, o reino da Borgonha, terceira coroa dos imperadores germânicos, foi, provavelmente, a ponte pela qual a cultura cavaleiresca francesa veio diretamente à corte dos Hohenstaufen. Além disso, os vínculos familiares e matrimoniais de muitos nobres germânicos com grandes famílias da nobreza francesa (ou mesmo anglo-angevina, como no caso do ex-duque da Bavária e Saxônia, Henrique o Leão, genro de Henrique II da Inglaterra e Eleanor da Aquitânia, *patronesse* da cultura cavaleiresca) contribuíram para a aceitação do estilo de vida cavaleiresco, que na Germânia imperial havia inicialmente prevalecido entre a pequena nobreza e a categoria servil dos ministeriais.

Finalmente, a cavalaria é a utopia de um mundo que não mais existe, mas ao qual todavia não se renuncia aspirar. A idéia de um indivíduo preso à constante superação de si mesmo, à construção de um eu superior, apoiado sobre os pilares da Fé, da Honra, da Fidelidade e da Disciplina, permanece ainda poderosa na mentalidade ocidental e incita-nos a refletir e discutir sobre a mesma. Repetindo as palavras de Heinrich von Veldeke: “Daqui a mais de cem anos as pessoas ainda estarão escrevendo e falando sobre ela”; no caso da cavalaria, provavelmente muito mais.

25 Karl Bertau, *Deutsche Literatur im europäischen Mittelalter*, Munique, Beck, 1972, volume 1, p. 581.

26 Joachim Bumke, *Courtly Culture – Literature and Society in the High Middle Ages*, pp. 206-7.

27 *Idem*, p. 206.

**BIBLIOGRAFIA SELECIONADA****FONTE:**

GISLEBERT DE MONS (trad. Laura Napran). *Chronicle of Hainaut*. Woodbridge, Boydell, 2005.

**Referências:**

GREEN, Dennis Howard. *Medieval Listening and Reading – The Primary Reception of German Literature 800-1300*. Cambridge, Cambridge UP, 1994.

WIES, Ernst. *Federico Barbarossa – Mito e Realtà*. Bologna, Bompiani, 2001.

FLORI, Jean. *A cavalaria*. São Paulo, Madras, 2005.

BUMKE, Joachim. *Courtly Culture – Literature and Society in the High Middle Ages*. Woodstock, Overlook, 1988.

SAYCE, Olive. *The Medieval German Lyric 1150-1300*. Oxford, Clarendon, 1982.

**RESUMO:** Em 1184, Frederico I Barbarossa encontrava-se no auge do poder. Tal fato foi materializado na assembléia realizada em Mainz no Pentecostes, com o objetivo de sagrar cavaleiros seus dois filhos mais velhos. Os contemporâneos ficaram muito impressionados com o tamanho e a pompa da festa, um espetáculo público que, dependendo da fonte, reuniu até 70 mil participantes. Este evento marcou profundamente sua época, já que vários autores escreveram acerca do festival, a ponto de este se ter tornado modelar para os grandes eventos festivos em variadas obras posteriores, como a *Canção dos Nibelungos*.

**Palavras-chave:** cavalaria – Germânia Imperial Medieval – Torneio – Mainz – Frederico I Barbarossa.

**ABSTRACT:** In 1184 Frederick I Barbarossa stood at the height of his power. This found its expression in the assembly held in Mainz at Whitsun 1184, at which his two eldest sons were made knights. Contemporaries were greatly impressed by the pomp and size of the feast, a public spectacle that, depending on the source, gathered up to 70 thousand people. This event had a profound impression on his time, since many authors wrote about the festival, to the point of these became a model to the major festive events in various later works, such as the *Nibelungenlied*.

**Key-words:** chivalry – Medieval German Empire – Tournament – Mainz – Frederick I Barbarossa

ANEXO I: PRÍNCIPES IDENTIFICADOS NAS FONTES, PRESENTES  
À ASSEMBLÉIA DE MAINZ, 1184<sup>28</sup>

Príncipe	Apanágio/função	Cavaleiros
Folmar von Karden	Arcebispo de Trier (1183-1189)	
Konrad von Wittelsbach	Arcebispo de Mainz (1161-5 e1183-1200)	1000
Phillip von Heinsberg	Arcebispo de Colônia (1167-1191)	1700
Siegfried von Brandenburg	Arcebispo de Bremen (1180-1184)	
Thierry II de Montfaucon	Arcebispo de Besançon (1180-1191)	
Wichmann von Seeburg	Arcebispo de Magdeburg (1152-1192)	600
Adelog von Dorstadt	Bispo de Hildesheim (1171-1190)	
Baldouin II van Holland	Bispo de Utrecht (1178-1196)	
Berthold	Bispo de Metz (1180-1212)	
Heinrich	Bispo de Estrasburgo (1181-1190)	
Heinrich I von Horburg	Bispo de Basiléia (1180-1191)	
Heinrich II von Arbon	Bispo de Chur (1180-1193)	
Heinrich von Blieskastel	Bispo de Verdun (1181-1186)	
Hermann II von Katzenelnbogen	Bispo de Münster (1174-1203)	
Hermann von Friedingen	Bispo de Constança (1183-1189)	
Konrad II von Raitenbuch	Bispo de Regensburg (1167-1185)	
Konrad II von Sternberg	Bispo de Worms (1171-1192)	
Otto II von Andechs	Bispo de Bamberg (1177-1196)	
Pedro de Brixey	Bispo de Toul (1165-1192)	
Reinhard von Abensberg	Bispo de Würzburg (1171-1184)	

28 A principal fonte de informações para a montagem desta tabela foi a *Crônica de Hainaut* de Gislebert de Mons (tradução de Laura Napran, Woodbridge: Boydell, 2005), mas também colhemos informações nos seguintes textos: *CHRONICA* de Alberto de Stade (MGH SS 16, 1859); *CHRONICA Slavorum* de Arnold de Lübeck (MGH SS 21, 1869); *CHRONICA regia Coloniensis* (MGH SRG 18, 1880); *CHRONICA S. Petri Erfordensis moderna* (MGH SRG 42, 1899); *ANNALES Marbacensis* (MGH SRG 9, 1907); *CHRONICA* de Otto de St. Blasien (MGH SRG 47, 1912).

Roger de Wavrin	Bispo de Cambrai (1179-1191)	
Ulrich II von Rechberg	Bispo de Speyer (1178-1187)	
Rudolf von Zähringen	Bispo de Liège (1167-1191)	
Konrad II	Abade de Fulda (1177-1192)	500
Albrecht I von Wettin	Margrave de Meissen (1190-1195)	
Balduíno V de Flandres	Conde de Hainaut (1171-1195)	
Bernhard von Askanien	Duque da Saxônia (1180-1212)	700
Berthold IV von Zähringen	Duque de Zähringen (1152-1186)	
Friedrich von Přemysl	Duque da Boêmia (1172-73 e 1178-1189)	2000
Gerard I de Mâcon	Conde de Vienne-sur-le-Rhône (1157-1184)	
Heinrich II von Nüring	Conde de Dietz (1145–1189)	
Konrad von Hohenstaufen	Conde Palatino do Reno (1156-1195)	1000
Leopold V von Babenberg	Duque da Áustria (1177-1194)	500
Ludwig I von Wittelsbach	Duque da Bavária (1183–1231)	
Ludwig III von Ludowinger	Landgrave da Turíngia (1172-1190)	1000
Otto I von Askanien	Margrave de Brandenburgo (1170-1184)	
Otto von Wittelsbach	Conde Palatino da Bavária (1180-1189)	
Ottokar IV	Duque da Estíria (1164-1192)	
Rudolf I	Conde Palatino de Tübingen (1182-1224)	
Simon II de Ardennes-Metz	Duque da Alta Lotaríngia (1176-1205)	
Welf VI	Duque de Espoleto (1152-1191)	
Frederico I von Hohenstaufen	Imperador Romano (1125-1190)	
Henrique VI von Hohenstaufen	Imperador Romano (1190-1197) e Rei da Sicília (1194-1197)	
Frederico VI von Hohenstaufen	Duque da Suábia (1170-1191)	

## ANEXO 2: MONUMENTO COMEMORATIVO DO 8º CENTENÁRIO DA ASSEMBLÉIA DE MAINZ, 1984<sup>29</sup>

Nas comemorações do oitavo centenário da assembléia de Mainz, em 1984, foi inaugurado no Maaraue de Mainz um monumento no qual as figuras de Frederico I e Henrique VI são muito semelhantes às representadas em uma famosa iluminura da *Historia Welforum*, crônica de fins do século XII.



Figura 3: Monumento, 1984



Figura 4: Iluminura da *Historia Welforum*

<sup>29</sup> Monumento: <http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Barbarossas%C3%A4ule.jpg&filetimestamp=20090910082727> Iluminura: [http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Friedrich-barbarossa-und-soehne-welfenchronik\\_1-1000x1540.jpg&filetimestamp=20050717092542](http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Friedrich-barbarossa-und-soehne-welfenchronik_1-1000x1540.jpg&filetimestamp=20050717092542), ambos consultados a 04.5.2011.

ANEXO 3: MAINZ 1184 – EIN TRAUM VON LIEBE UND RITTERSCHAFT  
(MAINZ 1184 – UM SONHO DE AMOR E CAVALARIA)

Neste ano de 2011, a cidade de Mainz é a “cidade do conhecimento” na Alemanha. Uma de suas iniciativas é celebrar a Assembléia de Mainz através de estudos históricos, literários e sociais. A imagem abaixo é o logotipo da campanha, veiculado pela Internet<sup>30</sup>.



Figura 5: Logotipo da celebração da assembléia de 1184, em 2011

30 <http://www.emz2.de/72+M543f2a9c65a.html>, consultado a 04.5.2011.